

# VESTÍGIOS DA OCUPAÇÃO CASTREJA NA RUA DE D. HUGO, PORTO

Helena Marçal

## RESUMO

O presente texto foi elaborado na sequência dos resultados do acompanhamento arqueológico efetuado no âmbito do projeto de Requalificação do Espaço Público do Morro da Sé, na freguesia da Sé, na cidade do Porto, que nos permitiram identificar um edifício de planta circular, do período castrejo. Desta intervenção, resultaram ainda, um avultado conjunto de estruturas cuja cronologia se estende do período proto-histórico ao período contemporâneo. Que nos demonstram a dinâmica ocupacional desta nobre zona da cidade do Porto ao longo de vários séculos.

**Palavras chave:** Porto, Rua D. Hugo, Proto-história, cerâmicas, casas circulares.

## ABSTRACT

This text was elaborated following the results of the archaeological follow-up carried out in the scope of the requalification of the Public Space of Morro da Sé, in the parish of Sé, in the city of Oporto, which allowed us to identify a circular building from the castrejo period. This intervention also resulted in a large set of structures whose chronology extends from the proto-historical period to the contemporary period. Which show us the occupational dynamics of this noble zone of the city of Oporto over centuries.

**Keywords:** Porto, Street D. Hugo, protohistory, ceramics, circular house.

## 1 - INTRODUÇÃO

A Rua D. Hugo localiza-se, no Bairro da Sé, na freguesia da Sé, na cidade do Porto. A intervenção arqueológica realizada pela empresa Arqueologia & Património<sup>1</sup>, decorreu no âmbito do projeto de Requalificação do Espaço Público do Morro da Sé.



**Fig. 1** - Vista aérea da área do projeto (Fonte Google maps).

Este projeto, dividiu-se em duas fases. Na primeira fase, em 2009, foram realizadas duas sondagens de diagnóstico, dirigidas pela Dra. Graça Pereira, na qual também participou a signatária deste texto, que se localizaram: no Largo do Dr. Pedro Vitorino, e no miradouro junto da igreja de S. Lourenço.

A segunda fase de trabalhos, já dirigidas pela signatária, decorreu entre setembro de 2010 e junho de 2011, tendo sido efetuado o acompanhamento arqueológico em permanência em fase de obra, de todas as tarefas que implicaram afetação do subsolo: como

o levantamento do pavimento de circulação no espaço público, o desaterro de 20 cm de sedimentos, que se encontravam sob este, e a abertura de 27 valas. As necessidades de salvaguarda das estruturas identificadas, conduziram igualmente há realização de diversas sondagens de caracterização.

Estes trabalhos, estenderam-se por uma vasta área, abrangendo a Rua de D. Hugo, o Largo Dr Pedro Vitorino, a Rua de S. Sebastião, o espaço ajardinado junto da Torre de D. Pedro Pitões, o Largo do Colégio e o Miradouro junto da Igreja de S. Lourenço. A profundidade da intervenção variou, de acordo com as necessidades da obra, entre os 40cm e os 2.50m.

A dimensão destes trabalhos, provocou uma grande movimentação no subsolo, mas permitiram-nos igualmente a deteção de um importante conjunto de estruturas, depósitos e material cerâmico, com cronologias que se estendem desde a Idade do Ferro, ao período romano, medieval, moderno e contemporâneo.

## 2 - VESTÍGIOS DA OCUPAÇÃO CASTREJA

A Rua D. Hugo, é uma rua estreita, de raiz medieval, com acentuado declive para sul, que se localiza nas traseiras da Sé Catedral do Porto, no Morro da Penaventosa (ou Morro da Sé). Localizada numa zona de elevação natural, de acesso difícil, com plataformas naturais, que criaram boas condições

<sup>1</sup> Empresa – Ricardo Teixeira e Vítor Fonseca, Arqueologia & Património, Lda.

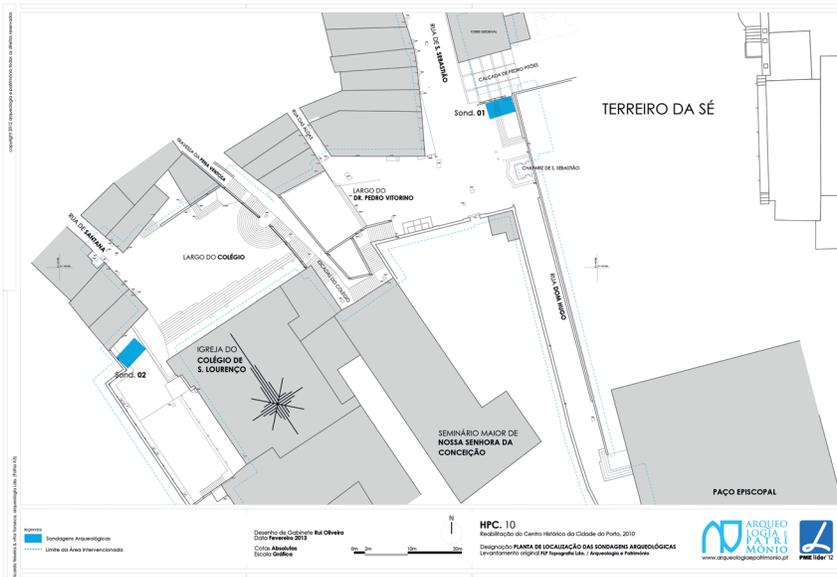


Fig. 2 - Localização das Sondagens Arqueológicas, primeira fase de trabalhos.

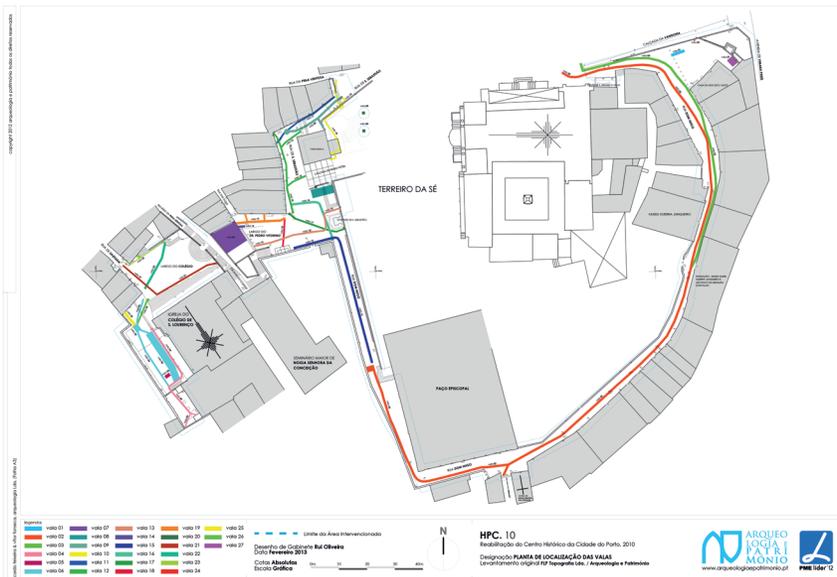


Fig. 3 - Localização das valas, acompanhamento, segunda fase de trabalhos.

naturais de defesa, permitindo desde cedo a fixação de populações, aqui se terá iniciado o núcleo de povoamento da cidade do Porto.

Os vestígios do período castrejo não são novidade, nesta zona da cidade. Trabalhos realizados nos anos 80, no edifício nº5<sup>2</sup> da Rua D. Hugo, permitiram a deteção de duas casas circulares, uma delas com vestíbulo, e de um troço de uma muralha do séc. III-IV, bem como diverso espolio coevo destas estruturas. Mais, recentemente em 2009, os trabalhos arqueológicos realizados no quarteirão da Banharia<sup>3</sup>, permitiu a identificação de um troço da muralha castreja, que circundava o povoado, bem como diverso espolio cerâmico coevo desta.

Os achados por nos identificados na Rua de D. Hugo, são mais um pequeno contributo para o conhecimento do antigo povoado castrejo, edificado no Morro da Sé. O objeto do nosso artigo, a casa castreja, identificada na rua de D. Hugo, defronte das casas com número de polícia 39 e 41, no seguimento da abertura de uma vala, designada por nós como 02, e que rasgou a faixa central do arruamento, no sentido Norte-Sul. Esta foi aberta com o objetivo de substituição do sistema de saneamento colocado nos anos trinta

do séc. XX, e permitiu-nos observar/ tentar obter uma leitura dos cortes estratigráficos efetuados aquando desta. Foi no seguimento desta operação, que a observação de um conjunto de pedras no perfil da oeste da vala, nos conduziu à limpeza do mesmo, acabando por revelar a face exterior de um edifício de planta circular da Idade do Ferro.

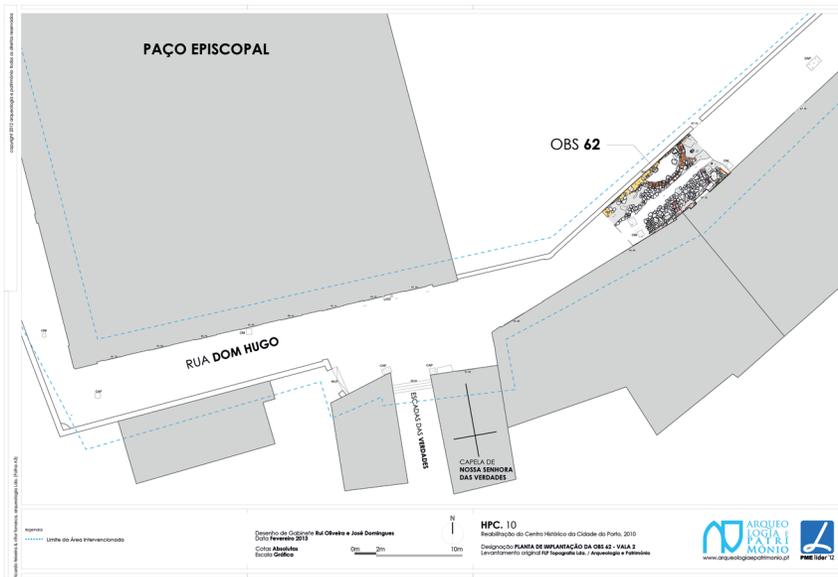
A identificação desta estrutura, conduziu à decisão por parte das entidades DRCN e divisão de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto, na pessoa das suas arqueólogas, da escavação de uma área de cerca de 60 metros quadrados, com objetivo de caracterizar e salvaguardar as estruturas pré-existentes neste espaço.

A intervenção, permitiu-nos assim, escavar e colocar a descoberto, um edifício/casa de planta circular, com cerca de 5m de diâmetro, construída em aparelho misto, parte dele helicoidal, composto por duas a três fiadas de pedra de granito, ligadas por argamassas de saibro, cujas paredes, possuem cerca de 50 cm de largura.

O edifício encontrava-se a cerca de 20cm de profundidade, parte dele afetado pela construção do muro da cerca do Paço Episcopal, e pela colocação no séc. XX de uma conduta de água. Estas intervenções, afetaram o edifício e parte dos depósitos que se encontravam no interior deste. Ainda assim, e apesar da reduzida potência estratigráfica a escavação do interior do edifício, permitiu-nos identificar dois conjuntos de depósitos. Uns associados a condeação do edifício, de onde foi recolhido

<sup>2</sup> Arqueo-sítio e sede da Ordem dos Arquitetos do Norte, cujos trabalhos arqueológicos, foram dirigidos pelo Dr. Manuel Real.

<sup>3</sup> Intervenção arqueológica, a cargo da pela empresa Ricardo Teixeira e Vítor Fonseca, Arqueologia & Património, Lda, dirigidos pelo Dr. Jorge Fonseca, nas quais a signatária também participou.



**Fig. 4** – Planta de localização das estruturas na Rua D. Hugo.



**Fig. 5** - A deteção da casa castreja.



**Fig. 6** - Intervenção na casa castreja.

do essencialmente espólio do período romano. De uma fase mais antiga, associada à utilização do espaço, foram identificados dois pavimentos em terra batida, parcialmente danificados, um dos quais com muita cinza, 3 buracos de poste cortados no afloramento rochoso, bem como a vala de fundação do edifício, muito estreita, que cortava igualmente o afloramento rochoso.

Do lado exterior, do edifício, encostado à sua face norte encontra-se, o arranque de uma estrutura muito danificada, que pensamos, que poderá corresponder ao vestíbulo da casa.

Rodeando parcialmente a construção circular, encostado à sua parede exterior prologando-se para sul e este ( para debaixo das casas com o n.º de policia 39 e 41, estende-se um extenso

lajeado, composto por pedras de granito de variadas dimensões, algumas das quais reutilizadas, ligadas por terra negra. O lajeado, encontra-se destruído na faixa central, e sul pela colocação nos anos 30 do sistema de saneamento.

Este lajeado, deveria provavelmente rodear toda a face exterior da estrutura circular funcionando como um pátio associado a outras construções que possivelmente aqui existiriam, à semelhança do que acontece em outros povoados da Idade do Ferro.

Na sua faixa nordeste, o lajeado encontra-se delimitado por um alinhamento ortogonal, ao qual encosta. Este com cerca de 50cm de largura, é composto por uma única fiada de pedras de granito ligadas por argila acastanhada, uma das suas pedras encontra-se fincada ao alto.

Associado a este, alinhamento, foi identificado o que nos parece ser a sua vala de fundação, que cortou, um pavimento em argila endurecida pelo fogo, associado a este parece estar um pequeno buraco de poste, de cujo interior foi recuperada tégula. Da sua funcionalidade e dimensão pouco conseguimos aferir, uma vez que o espaço a norte desta estrutura se encontrava muito destruído, mas pensamos que poderemos estar perante uma construção ortogonal, que coexistiu com a casa circular.

Tal como a casa castreja, também este alinhamento e o lajeado se encontravam selados por depósitos, que nos parecem associados à sua condenação, com espólio do período romano. Que parecem estar associados a uma fase de condenação do espaço, com o abandono da utilização

destas estruturas e construção de novas. Assim, sendo, na faixa este da rua parece-nos possível termos identificados diversos vestígios destas fases, que se materializam em depósitos de entulhos do período romano, bem como dois pavimentos em terra batida, que foram cortados pela construção de uma alinhamento ortogonal, com orientação Este – Oeste, com cerca 50 cm de largura, construído em pedras de granito ligadas por argila acastanhada, mas cuja funcionalidade e real dimensão não conseguimos concluir.

### 3- ESPÓLIO

O estudo do espólio recolhido durante a intervenção, ainda se encontra numa fase muito embrionária, somente uma parte das peças foi estudada e desenhada. Este conjunto, é composto por um grupo muito uniforme de materiais, apesar dos diferentes locais de onde foram recolhidos. Estes materiais, estão essencialmente associados às diversas atividades domésticas do povoado, confeção de alimentos, armazenagem e moagem de cereais. O material cerâmico é predominante, mas foram igualmente recuperadas várias mós inteiras e diversos fragmentos de outras.

A maioria das cerâmicas, provém de depósitos, onde se encontram misturadas com espólio romano (ânforas, cerâmicas de paredes finas e lucernas). As cerâmicas de tradição castreja, são predominantes, no entanto, nota-se também a presença de alguns elementos de influência romana. A maioria das cerâmicas, é de média



**Fig. 7** – Vestígios de ocupação no interior do edifício circular, restos de piso em terra batida.



**Fig. 8** - Buraco de poste.



**Fig. 9 e 10** – O edifício de planta circular após a intervenção.



**Fig. 11** – Aspeto geral da casa castreja.



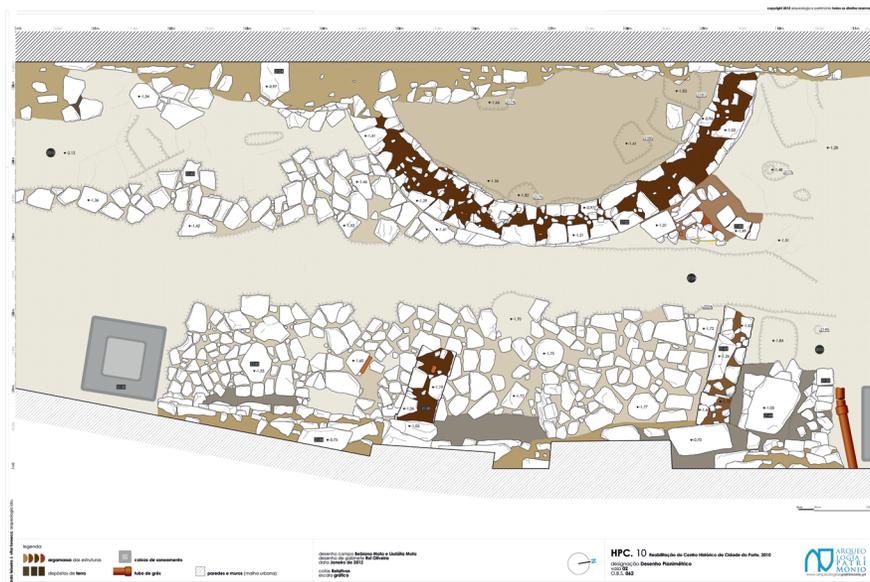
**Fig. 12** - Vista geral das estruturas identificadas junto da casa castreja.



**Fig. 13-** Pormenor do muro de construção ortogonal.



**Fig. 14 –** Muro construído após a condenação das estruturas castrejas.



**Fig. 15 –** Plano Final das estruturas identificadas junto da casa 39 e 41.

dimensão, produzidas a torno lento, sendo somente uma minoria de produção manual. As colorações das pastas variam, entre os castanhos escuros, rosados, laranjadas, beges e cinza.

Em relação ao seu fabrico, distinguimos dois tipos de cerâmicas, as de pasta grosseira com elevado número de partículas de mica e um conjunto mais diminuto com cerâmicas de pastas mais finas, com superfícies muito alisadas e poucas partículas de mica.

A decoração encontra-se ausente da maioria dos fragmentos, sendo que os padrões decorativos utilizados corres-

pondem aos padrões tradicionais, com incisões de linhas retilíneas, séries de linhas em espinha, ou estampilhas com círculos concêntricos, ou em S.

#### 4 - CONCLUSÕES

Os vestígios de ocupação castreja, identificados na vertente Este do morro da Sé, terão uma cronologia que se situa entre a 2ª metade do séc. I A.C, e a 1ª metade do séc. I D.C. Correspondendo em linhas gerais à 3ª fase da evolução das comunidades castrejas, apresentada nos trabalhos do professor Armando Coelho e da Drª. Manuela Martins.



**Fig. 16, 17, 18** –Exemplares de peças recuperadas durante a intervenção (Helena Marçal e Nelson Silva). A maioria das formas recolhidas correspondem a bordos de panelas de varias dimensões, tachos de asa interior, potes de perfil em S, mais ou menos acentuado, potinhos ou púcaros de pequena dimensão e talhas, foram também recolhidas diversas asas de rolo pertencentes a panelas de asa interior, uma asa de orelha pertencente a uma panela de suspensão e duas asas de secção retangular.

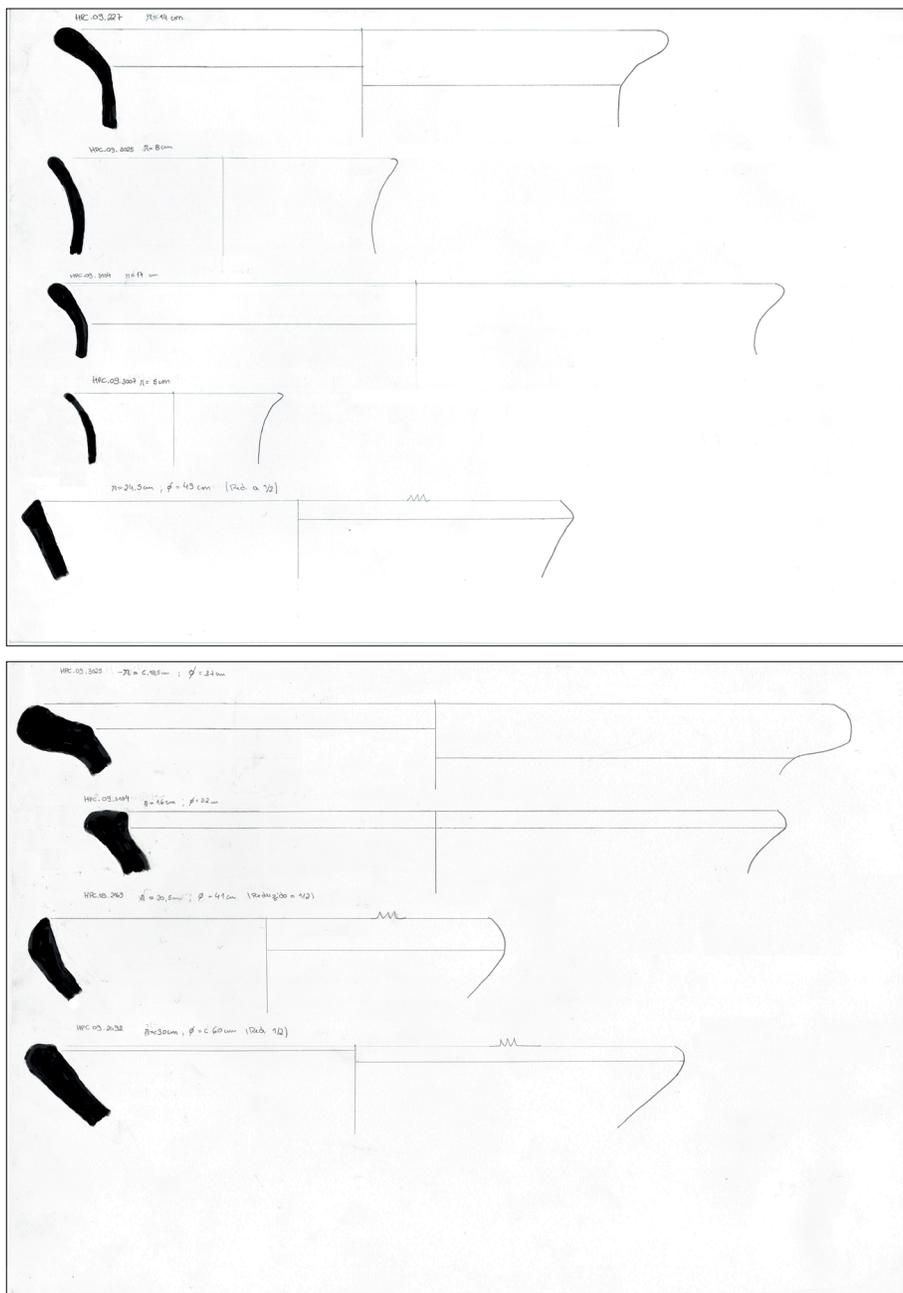
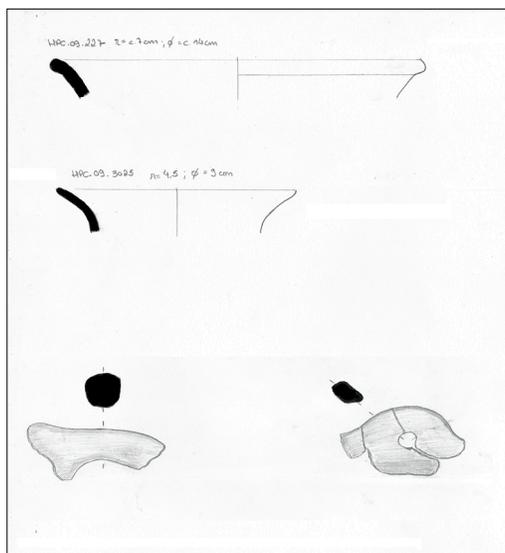


Fig. 19, 20, 21 - Desenhos de peças recolhidas durante a intervenção (Rita Teixeira e Nelson Silva).



**Fig. 22** – Asas de rolo (Helena Marçal e Nelson Silva).



**Fig. 23** – Asa de orelha pertencente a panela de suspensão (Helena Marçal e Nelson Silva).



**Fig. 24** - Peças decoradas (Helena Marçal e Nelson Silva).

## 5 - BIBLIOGRAFIA

MARÇAL, H. – Tipologias de ocupação da Rua D. Hugo (Morro da Sé, Porto). *Oppidum, Revista de Arqueologia, História e Património*, Câmara Municipal de Lousada, número 6, p. 77-88, 2012-2013.

MARTINS, M. – O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso medio do Cavado, *Cadernos de Arqueologia, Monografias 5*, Braga: Universidade do Minho, 1990.

REAL, M.L. - Notícias sobre as operações de salvamento no Morro da Sé, em áreas de intervenção do CRUARB, In *Arqueologia Dez*, Edi. GEAP, p.75-79, Porto, Dezembro de 1984.

REAL, M.L. - Escavações arqueológicas no Morro da Sé. Separata Do Boletim Cultural do Porto. 2ª série, Câmara Municipal do Porto, Vol. 3/4 Porto, 1985/86.

SILVA, A.M.S.P. - Rua D. Hugo, 5, um arqueosítio fundador. A investigação Arqueológica nos concelhos da área metropolitana do Porto. In *Almadan- IIª série, nº. 9*, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, p. 136-137, Outubro de 2002.

SILVA, A.C.F.S. - A Cultura castreja no Noroeste de Portugal, 2ª Ed. Paços de Ferreira: Câmara Municipal: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins: Centro de Arqueologia Castreja e Estudos Célticos, 2007.

SILVA, A. F.-Proto-História e Romani-zação do Porto. A investigação Arqueo-lógica nos concelhos da área metropoli-tana do Porto. In *Almadan- IIª série,nº. 9*, Centro de Arqueologia de Almada, Almada, p. 94-103, Outubro de 2002.

SILVA, A.C.F.S. - A Cultura castreja no Noroeste de Portugal, 2ª Ed. Paços de Ferreira: Câmara Municipal: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins: Centro de Arqueologia Castreja e Estudos Célticos, 2007.

### Documento eletrónico

Google Maps, 2016. Bairro da Sé, Porto. (em linha) Disponível em: <https://www.google.pt/maps> (consultado a 15 de Novembro de 2016).